

Memórias da Colônia: O boi-de-mamão na história oral e no ensino de história

Malcon Gustavo Tonini¹

Resumo

Narrativas aguçam a curiosidade acerca das continuidades históricas com o passar do tempo. As palavras transmitidas, por meio da oralidade, conduzem a uma herança ancestral valorizada por culturas locais, e por isso transmitidas entre as gerações. O objetivo deste artigo é discutir história oral a partir de memórias, problematizando a forma como são construídas apresentações e interpretações, e como descrições são influenciadas pelo processo de rememoração. Essa discussão será feita a partir de pequenas histórias e motivações produzidas no ensino de história, instigadas por entrevistas conduzidas por estudantes que fizeram parte do projeto escolar “Memórias da Colônia”. Atividades escolares que fabricaram e provocaram o conhecimento histórico, no distrito de Tigipió, São João Batista, entre os anos de 2019 e 2023. A relevância desse trabalho está na metodologia desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História, para que a investigação histórica e seus desdobramentos pudessem produzir História, a partir da memória de pessoas comuns. Uma História construída em ambiente escolar que possibilitou a elucidação de tradições consolidadas durante o processo colonizador na região, que ao longo do tempo geraram discussões que giram em torno de origens étnicas, como no caso do folguedo do boi-de-mamão, e sobre como teria virado uma realidade local.

Palavras-chave

Ensino de História; História oral; Boi-de-Mamão.

Introdução

A discussão nesse texto é um desdobramento relacionado a continuidade de um projeto escolar baseado em entrevistas e que está inserido na proposta acadêmica desenvolvida em minha dissertação de Mestrado². Em minhas atividades enquanto docente na Escola de Educação Básica (EEB) Profa. Lídia Leal Gomes³, localizada em Tigipió⁴, interior do

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH-Udesc). Bolsista Promop/PPGH/Udesc). Mestre em Ensino de História (ProfHistória-Udesc). E-mail: malcongustavo@hotmail.com.

² Esse artigo possui recortes da minha dissertação de mestrado intitulada Memórias da Colônia Nova Itália/SC: Diálogos entre história oral, memória e ensino de História, defendida no ProfHistória/Udesc, em 2021, sob a orientação da Profa. Dra. Cristiani Bereta da Silva. O projeto acadêmico foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Udesc sob o parecer 3.670.930 em 30 de outubro de 2019, e foi contemplado pelo Programa de bolsas de pós-graduação Uniedu/Fumdes, vinculado a Diretoria de Planejamento e Políticas Educacionais da Secretaria de Estado de Educação (SED) de Santa Catarina.

³ A EEB Profa. Lídia Leal Gomes está localizada a 14 km da região central do município de São João Batista, as margens da rodovia SC-108, no trajeto que liga a cidade ao município de Major Gercino. A Escola foi construída em terras que um dia fizeram parte da Colônia Nova Itália, estando em área rural e possuindo laços enraizados por tradições antepassadas.

⁴ O distrito de Tigipió, na cidade de São João Batista, é a região que integra os limites territoriais que na primeira metade do século XIX fizeram parte da Colônia Nova Itália, documentada em agosto de 1835 durante a Regência Una do Padre Feijó.

município catarinense de São João Batista⁵, desenvolvi, entre 2019 e 2023, o projeto escolar *Memórias da Colônia*. A pesquisa oportunizou interpretações e (re) construções de perspectivas históricas com origens diversas, construindo no ensino de História, pequenas histórias, com personagens reais e fictícios. Os textos foram temas revistos e debatidos em sala de aula, para que depois fossem publicizados em formato impresso e digital pelo jornal comunitário Correio Catarinense⁶.

Neste projeto, adotei uma metodologia que se fundamenta na história oral, implementando sequências didáticas⁷ com os alunos. Antes das entrevistas, trabalhamos em aula conteúdos e conceitos, debatemos fontes da história local e apresentamos exemplos para que os estudantes relacionassem a historiografia à memória coletiva da comunidade. Orientamos sobre como pesquisar e usar a história oral, incluindo cuidados éticos com os entrevistados. Os alunos também explicavam previamente o propósito do trabalho e os procedimentos da entrevista, informando que o material geraria textos e futuras divulgações. A abordagem foi essencial para compreender disputas de memória e expressões culturais de moradores de um distrito rural com identidade própria. O projeto e o conhecimento produzido resultaram da observação de experiências convertidas em narrativas ligadas à história local da comunidade escolar. Nesse contexto, aprofundamos o estudo de indivíduos que compõem essa trajetória, realizando microanálises e investigações de história social e cultural, ampliando gradualmente a escala de observação. De acordo com Jacques Revel (2010), essa abordagem permite uma reflexão historiográfica a partir de uma pequena história, explorando trajetórias negligenciadas e reconstruindo caminhos com base em perspectivas específicas. Dessa forma, apresentamos narrativas alternativas e posições políticas que influenciaram e, de certa maneira, ainda influenciam o passado. Com base em Revel (2010), posso afirmar que a estratégia de diminuir a escala de análise do distrito de Tigipió possibilitou uma nova interpretação de fenômenos mais amplos, que foram e podem ser avaliados por diferentes pontos de vista. A investigação do que ocorre em um determinado local traz à tona uma realidade micro, que serve

⁵ O município catarinense de São João Batista se encontra a 79 km de Florianópolis, capital, fazendo parte da microrregião dos Vales dos rios Tijucas e Itajaí-Mirim, integrando a Grande Florianópolis e tendo em seus limites as cidades de Antônio Carlos, Biguaçu, Canelinha, Major Gercino, Nova Trento e Tijucas.

⁶ O jornal *Correio Catarinense* circula em cinco municípios do Vale do Rio Tijucas (Nova Trento, Canelinha, Major Gercino, São João Batista e Tijucas) e traz reportagens produzidas na região por uma rede de colaboradores. O periódico apresentou publicamente as histórias escritas pelos estudantes para o projeto escolar desde seu início.

⁷ As sequências didáticas utilizadas durante o projeto escolar *Memórias da Colônia* e todo processo de execução, podem ser encontrados na minha dissertação, que está disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/705661>.

como um meio para entender questões significativas que, apesar de sua manifestação em um contexto específico possui relevância para a sociedade como um todo.

História oral e memória no ensino de História

Lecionar História a partir do que o aluno conhece, valorizando a troca de informações, abre amplas possibilidades. A memória e a história oral ampliam o trabalho docente, favorecendo o acesso ao conhecimento e a compreensão do passado, ao mesmo tempo que estimulam a crítica às interpretações do presente. Ao participar de investigações, os estudantes tornam-se sujeitos ativos e revelam aspectos que dificilmente seriam identificados de outra forma, especialmente em projetos escolares que utilizam história oral. No ensino de História, a história oral e sua mediação pelos professores tornam o aprendizado mais significativo, ao abordar experiências concretas narradas de forma simples. Os estudantes passam a conhecer histórias da comunidade e da própria família, desenvolvendo planejamento, prática e comunicação. Durante as entrevistas, muitos se encantaram pelo tema investigado e passaram a tratar certos dados como incontestáveis. Por isso, foram constantemente (re)orientados a adotar um olhar analítico, avaliando criticamente as fontes e compreendendo que nenhuma delas é História em si, mas parte do processo de construção do conhecimento.

No projeto escolar, memórias pessoais e familiares, inclusive segredos guardados por anos, vieram à tona. A ênfase nas questões identitárias despertou nos estudantes curiosidade sobre seu passado e sobre sujeitos antes ignorados. Memória e identidade foram fundamentais para motivar as investigações. O estudo da história local ofereceu oportunidades de fortalecer o senso de pertencimento, distinguindo grupos por etnias ou culturas. Os participantes passaram a se perceber como parte de uma narrativa ampla e complexa, na qual muitas tradições atuais têm origens diversas, frequentemente diferentes do imaginário coletivo, majoritariamente mítico.

O conhecimento histórico, produzido durante as trajetórias do projeto, evidenciaram como histórias podem se prender a um imaginário coletivo associado a alguma manifestação evocada do passado. O que é sabido pode ser questionado pelo que é construído a partir do reconhecimento de outras origens invocadas por novas descobertas, que atualizam o que parecia resolvido historicamente. Cenários, danças, hábitos, costumes foram expressões refletidas para além do que até então era considerada uma história verdadeira. A história oral não impõe limites com relação aos temas de interesse, e praticá-la validou as aulas de História como oportunidades

para se pensar a sociedade em que os estudantes e pessoas de seu convívio estão inseridos, no passado e também no presente. Em sala de aula e nas relações comunitárias busquei constituir um novo olhar histórico, onde o objeto de estudo se torna dinâmico e mais próximo. Mediante essa concepção, no ensino de História, as narrativas proporcionadas pelo projeto escolar deixaram de ser fundamentadas em temas distantes para se incorporarem aos fenômenos históricos relacionados à região problema, Tigipió. Ao se abandonar a noção tradicional da narrativa histórica, se objetiva buscar uma história plural e dinâmica, que se afaste de um passado modelador e de um presente pré-definido. Nesse contexto, as práticas educacionais proporcionam aos estudantes a percepção de que a História faz parte de suas vidas e, de que tudo que produzem é História e deve ser levado em consideração. Tradições estão ligadas a memórias, que estão abertas “à dialética da lembrança e do esquecimento” (Flores, 1997, p. 139), e o ensino de História em diálogo com a história oral permite novos olhares acerca do saber histórico, incitando uma visão crítica que pode apresentar novos caminhos longe de manipulações.

Resultante do projeto escolar *Memórias da Colônia*, o episódio evidenciado nesse documento reproduz uma memória aflorada sobre acontecimentos relacionados a festa do boi-de-mamão, uma tradição muito popular em cidades do litoral catarinense, e também em São João Batista. O episódio *Chegou, Chegou, Chegou o nosso boi!!!*, o terceiro da Temporada V, foi publicado em 19 de maio de 2023 e é fruto da entrevista da estudante Júlia Vargas com o memorialista José Sardo⁸. O folguedo do boi-de-mamão foi muito popular em São João Batista, e está vivo na memória de muita gente:

CHEGOU, CHEGOU, CHEGOU O NOSSO BOI!!!: O bumba meu boi, ou boi de mamão, é uma tradição popular também em São João Batista, com personagens humanos e animais, que giram em torno de uma lenda sobre a morte e ressurreição de um boi. No passado do Distrito de Tigipió faziam muita farra com o boi de mamão. A cultura do boi de mamão, inicialmente encenada entre o Natal e o Carnaval, reunia um grupo de 30 a 40 pessoas todo ano. As pessoas saíam pelas ruas cantando de casa em casa, durante noites e madrugadas. E quando o povo escutava a cantoria, acordavam os que estavam dormindo, preparavam a cachaça, licores, vinho e ofereciam aos que faziam a festa. E essas festas aconteciam noite adentro muito animadas, só parando quando ocorriam brigas ou quando o sol surgia no horizonte. Se era época de festejar o boi, no outro dia o mesmo povo se agrupava e reiniciava a festa. Pouco antes do Natal, a turma se reunia para preparar não só o boi, mas também a bernunça e o cavalinho. Chico, um homem negro que trabalhava para um homem chamado Valentim, na Colônia, não faltava um dia as

⁸ José Sardo, nascido em 1950 em Tigipió, é popularmente conhecido como Saulo pela comunidade. Devido a sua paixão pela história local, ministra palestras e contribui com trabalhos jornalísticos para tratar de assuntos relativos à imigração italiana, devido ao fato de ser descendente de sardos que chegaram em 1836 na região e de possuir documentos e relíquias sobre o assunto.

festividades. Chico comemorava por tradição, na brincadeira do boi, a um dos três reis magos, o Rei Baltasar, negro como ele. Entre seus parceiros de festa estavam sempre Miguel Inezio Macaes e Pedro Rodolfo Mello, cantadores de versos, José, Luiz e João Luiz Sardo, José Sartori, Jaime Correia, Nicolau, Gentil e Sebastião Cavilha, que os acompanhavam dentre muitos outros moradores da Colônia. Certo dia, o mais famoso moço que cantava os versos do boi de Tigipió, Miguel Inezio, mais conhecido pela comunidade como Nezinho, precisou cantar na casa da família de Valentim, patrão do seu amigo Chico. Valentim, descendente de italianos, havia chegado à Colônia, vindo de Nova Trento, conhecendo pouco da cultura local de São João Batista. Naquele dia, Nezinho já estava apaixonado pela filha de Valentim, Leonor. Por esse motivo, envergonhado, se calou quando chegaram à casa de seu amor para fazer a festa do boi. Chico, então, começou a cantoria, e na hora da ressurreição do boi, já meio bêbado, cantou: “Alevanta boi Chiquinho e atenda o teu Senhor, o Nezinho tá envergonhado, por causa da Leonor!”. Nisso apareceu Leonor, causando o sumiço de Nezinho da cena. Depois disso, todos se olharam, desconfortados pela situação, a festa acabou, e todos foram embora. O que aconteceu depois entre Chico, Nezinho, Valentim e Leonor, não se sabe, mas o boi de mamão, esse, no outro dia estava por aí fazendo festa! (Júlia, 14 anos, aluna do 9º ano do Ensino Fundamental, 19/05/2023).

Nos primeiros textos do projeto (2019-2020), destacou-se a cultura que os entrevistados associavam à imigração italiana. Nesse período, alinhado à minha pesquisa acadêmica, Tigipió vivia a valorização da antiga Colônia Nova Itália, então em evidência por uma disputa sobre o pioneirismo da imigração italiana no Brasil (Tonini, 2021). Por isso, tradições como o boi-de-mamão só ganharam espaço depois. A partir de 2021, ações escolares levaram Júlia e outros estudantes a pesquisar a chegada, em Tigipió, de homens do litoral que introduziram elementos de brasilidade, como a brincadeira com o boi, rituais e personagens folclóricos preservados na memória local. Pela escuta das entrevistas, os alunos vivenciaram histórias de crenças, superstições e tradições brasileiras, revivendo cenas em que o boi mobilizava todos, independentemente da origem étnica. Como a prática estava esquecida, sua explicação só emergiu agora. O essencial é que o interesse dos estudantes por essas lembranças ficou evidente.

Entre conversas sobre os personagens e a encenação do boi-de-mamão, tema em destaque na escola, Júlia recordou um diálogo com José Sardo e decidiu escrever sobre os festejos do boi. O texto surgiu após uma nova visita ao idoso, que sempre recebia os estudantes com alegria. Já familiarizada com a família do entrevistado e com o conhecimento acumulado no projeto, Júlia produziu um episódio que reflete a sintonia entre as *Memórias da Colônia* e o aprendizado escolar. No relato, aparece a história de José Sardo, que se identifica como italiano, mas foi marcado por uma tradição trazida a Tigipió no período de povoamento. Ele contou que familiares e amigos tinham fortes vínculos com o boi-de-mamão, celebrado anualmente.

Embora registrado apenas em 2023, muitos entrevistados já afirmavam, ao longo do projeto, lembrar dos que cantavam para levantar o boi. Muito antes da iniciativa de Júlia surgiu uma indagação na aula de História: Quem inventou esse teatro, que fala da morte e vida de um boi?

A relação do Brasil africano com o boi-de-mamão

Muitas pessoas da comunidade, no passado, tiveram a oportunidade de participar ou assistir a brincadeira, cujo enredo e personagens giram em torno da história de um boi⁹. Brasileiros com origens italianas, lusitanas e africanas acompanharam o boi ser morto, mas, por forças mágicas, ressuscitar em um desfecho feliz no enredo final. Esses indícios da presença dessa memória em Tigipió motivaram a iniciação de uma investigação histórica. As principais discussões giraram em torno da origem étnica do folguedo e sobre como teria virado uma realidade local. Apesar de influência das tradições ligadas à Colônia Nova Itália, descartamos a possibilidade dessa brincadeira fazer parte de uma cultura italiana, pois durante os anos de projeto e pesquisas, nunca nos deparamos com vestígios dessa realidade. Quanto a fazer parte de uma cultura açoriana, a partir dos estudos de Maria Bernardete Ramos Flores (1997), no ensino de História já havíamos analisado a açorianidade como construída. Em *A farra do boi: palavras, sentidos, ficções* a autora relata sobre um momento de luta política em Santa Catarina na década de 1940, onde se combateu a germanidade em favor de uma hegemonia cultural de base luso-brasileira. Apesar dessa constatação, muitos discursos, inclusive estatais, evocam constantemente a cultura açoriana para justificar a vinda do boi-de-mamão para São João Batista. Existem interesses políticos preocupados com o estabelecimento de contornos culturais para a região em favor da açorianidade, algo que os estudantes também notaram em meio as entrevistas. Apesar disso, os resultados de *Memórias da Colônia* ultrapassaram o que Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984) chamam de tradições inventadas, que são disputas pelo reconhecimento do que é válido ser lembrado e do que deve ser preservado, nesse caso beneficiando a ideia de açorianidade.

Nesse contexto, festejar o boi-de-mamão faz parte de um arcabouço cultural forjado, uma “tradição inventada” (Hobsbawm; Ranger, 1984, p.9) ao longo do tempo, mas que ficou muito popular com características estabelecidas entre a população do litoral catarinense, em especial da Grande Florianópolis. Discursos sobre a açorianidade, que exaltam a brincadeira do

⁹ Esse boi, protagonista de muitas festas, é geralmente feito de uma estrutura de madeira ou bambu, coberta com um tecido colorido que representa a sua pele. O boneco tem uma cabeça grande, com olhos expressivos e um sorriso, e é adornado com enfeites, como flores e fitas, que dão um toque vibrante ao personagem.

boi, podem ser possibilitados pela origem de outros personagens que acompanham o boi nas brincadeiras. Muito comuns em Santa Catarina são o vaqueiro e o cavaleiro, a maricota, a benzedeira, dentre outros, alguns particulares e relacionados a mitos com origens portuguesas. Um desses personagens, muito popular, é a bernunça, que segundo Flores (1997) é uma espécie de bicho-papão que é uma figura comum somente às encenações catarinenses. Flores afirma que o personagem poderia fazer parte da mitologia lusitana, e, por isso, teria sido introduzido na brincadeira por uma das comunidades litorâneas com imigração açoriana¹⁰.

Reconstruir um passado histórico forjado é sempre algo problemático. Existem memórias afetivas que contribuem com a afirmação de que o boi-de-mamão seja uma prática cultural da açorianidade. Uma das propostas desse texto é justamente discutir essas origens, demonstrando os argumentos levantados no ensino da História para explicar uma origem para o folguedo que demonstrasse uma evolução para a brincadeira, relacionando fatos e coisas que elucidassem como a brincadeira chegou até São João Batista. Flores (1997, p. 114) informa que no Império Português aquele tipo de culto ao boi só existiu em territórios colonizados na África, e que para encontrar as origens do folguedo que acontecia em Tigipió, deveríamos pensar, também, no “bumba-meu-boi¹¹ de outros estados brasileiros”. Outra autora, Jeruse Maria Romão (2009), propõe que a tradição tenha iniciado no Brasil, sem precisão, nas regiões Norte e Nordeste. Em comum nas duas propostas, o envolvimento de populações etnicamente africanas.

Entre as influências para essa festa cultural estão matrizes africanas e lusitanas, podendo ter também traços indígenas. Marina de Mello e Souza (2012, p. 132) confirma que “misturas estão mais presentes do que podemos perceber a um primeiro olhar”, sendo que o bumba-meu-boi, como um teatro dançado e cantado, é popular e comum em todo o Brasil. A partir dessas informações, as atividades em sala de aula aperfeiçoaram a ideia de que não há uma hegemonia cultural, mas sim uma pluralidade de tradições com origens diversas e que convergiram em alguns momentos para aprimorarem práticas culturais que envolvem o boi, como as descritas no episódio de *Memórias da Colônia*. Essa pluralidade teria (re)nomeado o boi catarinense e introduzido personagens, como a bernunça, a uma História, que seria

¹⁰ Segundo Flores (1997), entre 1748 e 1756 aproximadamente cinco mil pessoas teriam migrado de Açores (território português) para regiões do Brasil, sendo que a maior parte desse contingente teria desembarcado no litoral catarinense.

¹¹ Na cultura brasileira, outros nomes são comuns ao mesmo personagem de nossa investigação, ele também é conhecido como boi-bumbá, boi-pintadinho, boi-de-reis, boizinho, boi da cara preta, boi-calemba. Antigamente o folguedo do boi era conhecido como bumba-meu-boi, depois boi-de-pano, mas, com a pressa de se fazer uma cabeça, foi usado um mamão verde, e quando foi apresentado recebeu o nome de boi-de-mamão. Nome este mantido até a época atual, onde se veem bois com cabeças de todos os tipos, até mesmo de boi (SOARES, 1979).

impossível sem a imaginação e a criatividade dos que a adaptaram para diversas realidades locais ao longo do tempo.

Se referindo as matrizes africanas, Souza (2012, p. 129) afirma que “Elementos africanos estão na base da maioria das nossas manifestações culturais populares”, mas para dar consistência a uma História onde o boi-de-mamão confirmasse os estudos dessa autora, a investigação precisava de um fato ou uma coisa que apontasse esse caminho para a pesquisa. As pistas que buscávamos, achamos em escritos que trazem a brincadeira com o boi tendo um Brasil escravista como cenário. Em um dos livros sobre história local do Pe. Flávio Feler (2018) encontramos registros de fatos sobre acontecimento com muita música e com bater de tambores. Feler (2018, p.73) transcreveu notícia que circulou em 10 de janeiro de 1888, no jornal “O Independente”, em matéria com o título *Ano Novo*. O relato jornalístico foi construído a partir do testemunho do padre Manoel Miranda da Cruz, um polêmico¹² português que entre as décadas de 1880 e 1890 serviu ao catolicismo, como Vigário, nas paróquias de “São João Baptista do Alto Tijucas Grande” e de “São Sebastião da Foz do Rio Tijucas”, ambas nessa época pertencentes ao município de Tijucas. O padre Cruz acompanhou atividades festivas entre os que o jornal chamou de “plebe”, que de acordo com Feler (2018) eram promovidas sob a condução de, aproximadamente, duzentos negros, escravizados e libertos, que viviam em São João Batista. A notícia fala do girar, pular e berrar noites inteiras ao redor de coisas que chamavam de bumba meu boi, cavalinho e cabrinha. As datas associadas a visita do padre Cruz, convergem ao ciclo natalino¹³ e a comemoração do *Dia de Reis*. Feler (2018), Raizer (2008) e La Banca (2020) anunciam sobre o fato de os senhores de negros relaxarem as senzalas para as comemorações no intervalo das festividades natalinas, onde realizavam batucadas com tambores e brincavam utilizando uma armação feita com paus e decorada, que lembrava um boi. Feler (2018, p.74) sinaliza que “As celebrações de final de ano se tornavam um dos únicos períodos em que se concediam longos feriados ou períodos de folga para os escravizados”. Feler também dá ênfase a importância dos acontecimentos envolvendo a comunidade negra, sejam livres ou cativos, no *Dia de Reis*. Para os que participavam dessa cultura, a *Folia de Reis* estava associada a homenagens ao Rei Baltasar, um dos Três Reis Magos, de pele negra e que seria

¹² Ao padre Cruz é atribuída à incorporação de culturas portuguesas na região, hoje consideradas tradições “açorianas”. O Padre teria forjado a tradição da festa religiosa do Divino Espírito Santo, realizada periodicamente no município de Tijucas. Manoel Miranda da Cruz, além de religioso, foi militante do movimento republicano, e entre os anos 1881 e 1890 propagou ideias que divergiam de interesses de muitas oligarquias que viveram no Vale do Rio Tijucas.

¹³ No catolicismo o ciclo natalino tem início em 24 de dezembro, data sugerida como a véspera do nascimento de Jesus Cristo, e se estende até o dia 06 de janeiro, quando é celebrada a visita dos três reis magos, Gaspar, Melquior e Baltazar, ao menino Jesus.

identificado como “o rei congo” coroadado em outras regiões do Brasil. (Feler, 2018, p.75). O bater de tambores é parte de manifestações culturais africanas, e na história de Júlia certamente faziam companhia ao uso de outros instrumentos de origem lusitana, como o pandeiro, a viola e a rabeca. Nos ritos do boi-de-mamão, a influência da matriz africana manifesta-se na postura dos corpos, nos gestos, nas danças circulares acompanhadas pelo som dos tambores, instrumentos que, tanto no Brasil quanto no continente africano, recebem cuidados especiais por atuarem como mediadores do sagrado e, por isso, não podem ser tocados por qualquer pessoa ou em qualquer circunstância (Souza, 2012).

Para o afro-brasileiro o *Dia de Reis*, testemunhado pelo padre Cruz, foi um dia repleto de vestígios do calundu¹⁴ praticado por africanos entre os séculos XVII e XVIII, onde podiam ser percebidas as suas forças mágicas quando o boi é ressuscitado. Historicamente perseguidos no Brasil, os rituais africanos encontraram na pluralidade das manifestações culturais, maneiras para manutenção de resquícios de tradições antepassadas, despistando o preconceito. A notícia do jornal, a memória do padre Cruz é um relato de coisas que estão presentes de maneira forjada na brincadeira do boi-de-mamão vivido por José Sardo. Aparentemente, não haveriam outros documentos que pudessem nos fornecer outra conclusão, diferente do fato da celebração ligada ao boi-de-mamão ter sido iniciada em São João Batista a partir de práticas culturais com matrizes africanas. No ensino de História constatamos que a *Folia de Reis* e as festividades negras com cantorias e festas em torno de um boi resistiram ao tempo, e no Vale do Rio Tijucas foram tradições eternizadas pelo padre Cruz em seus registros. Algo historicamente relevante, se pensarmos que na época em que o religioso esteve atuando na região, pouco se dava importância a escrita do que faziam os negros.

Essa discussão em torno das origens étnicas do boi-de-mamão inseriu os estudantes no meio comunitário contribuindo com a criação de historicidades que favoreçam as relações sociais, sem que haja julgamentos e classificações com relação à diversidade étnica e social. Por isso, sempre que há oportunidade, em outras escolas trago esse debate para salas de aula. Em 2024 em uma turma do 8º ano de outra escola do município, uma aluna se impressionou com o fato de muitas contribuições culturais africanas serem negligenciadas na história do Brasil. Luiza Catherine, inspirada na ideia do uso de ilustrações como forma de materializar as narrativas de *Memórias da Colônia*, me presenteou com um desenho que retrata o que poderia

¹⁴ Segundo Souza (2012, p.132-133), os calundus disseminados no Brasil escravistas eram manifestações culturais “em torno das quais grupos de africanos e afrodescendentes se reuniam para reverenciar espíritos capazes de proteger, de curar os que a eles recorriam.”. Aos calunduzeiros e calunduzeiras, que inspiraram religiões como o candomblé e a umbanda, recorriam até os brancos, incluindo padres.

ter encontrado o padre Cruz, naquela véspera de abolição da escravatura, quando apreciou as festividades natalinas entre os negros de suas paróquias.

Figura 1 – Ilustração inspirada no ensino de História, a partir das informações sobre as origens afro-brasileiras do boi-de-mamão.



Fonte: Luiza Catherine Lopes de Souza. Arquivo pessoal (2024)

Luiza produziu uma fonte histórica, que traz vestígios¹⁵ que proporcionam acesso significativo à compreensão do passado do boi-de-mamão em São João Batista. Um desenho que é uma marca da história local e uma narrativa, que acompanhada do que foi noticiado no jornal *O Independente*, pode ser analisada e confrontada com o que as instituições locais chamam de história oficial do município. Essa ilustração valida a afirmação de Paul Ricoeur (2006) de que as histórias se narram, mas também se vivem imaginariamente, sendo que o estudo e produção de fontes construiu variações relacionadas à cultura do boi-de-mamão, mas principalmente contribuiu para esclarecer que o negro foi fundamental para vivermos essa memória.

O Teatro do boi-de-mamão de Tigipió

Em 2021, durante as atividades na EEB Profa. Lídia Leal Gomes, o boi-de-mamão passa a ser pensado como uma prática viva que, de acordo com as ideias de Raizer (2008, p. 44), trouxe “elementos que se constituíram na história da vida de quem esteve na frente da

¹⁵ Um detalhe no desenho, a cabeça do boizinho construído por crianças, feita com o fruto do mamoeiro.

brincadeira” e ao mesmo tempo, alimentou lembranças que fizeram com que a escola quisesse (re)viver as atuações daqueles que um dia brincaram com o boi-de-mamão, pois percebemos que o folguedo foi uma manifestação da cultura popular relevante para muitas pessoas de Tigipió.

Em regime colaborativo, durante a vigência do projeto *Memórias da Colônia*, a escola criou material didático partindo do que é familiar aos estudantes. Alguns dos textos e ilustrações fruto do projeto fizeram parte de intervenções didáticas em outras disciplinas que não História, enriquecendo repertórios educacionais. O projeto fez com que a escola assumisse a responsabilidade pela preservação de legados, mantendo em circulação reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. O boi-de-mamão, e toda a sua expressão, foi um dos mecanismos para que o projeto se consolidasse como espaço de produção e socialização de conhecimentos para todos os níveis escolares. Segundo Juliane Mendes Rosa La Banca (2020) a brincadeira com o boi envolve narração, música, dança e encenação. Quando incorporamos o folguedo aos planejamentos escolares, a pretensão era fazer a escola se apropriar dessa tradição e estimular ações educativas pensando na interdisciplinaridade da ação. Foi uma possibilidade de contar com o conhecimento de pessoas, com experiências com a brincadeira, e que puderam contribuir com a elaboração de novos planos de aula. Inicialmente convidamos o professor e folclorista Leomir Pedro da Silva¹⁶ para uma formação para docentes na escola. Didi, como é conhecido, esteve¹⁷ na EEB Profa. Lúcia Leal Gomes em maio de 2022, para apresentar seu trabalho e experiência com a prática cultural do boi-de-mamão. Durante a capacitação, Didi compartilhou seus conhecimentos sobre o folguedo e seus personagens, conseguindo que outros professores se interesassem com a tradição e se relacionassem com a vida que pulsa ao seu redor.

A partir da visita do professor Didi, a perspectiva era de que sua presença inspirasse a existência de um novo grupo de boi-de-mamão na cidade. Isso proporcionaria à escola a oportunidade de se tornar representante de uma cultura que se mostrou viva entre seus estudantes, a partir do momento em ouviram nuances de sua expressão durante algumas das entrevistas. Leomir, contou suas vivências culturais, o que teria reduzido o campo de análise sobre a tradição e ao mesmo tempo estimulado a produção artesanal de bonecos e fantasias que

¹⁶ O professor Leomir Pedro da Silva, conhecido como Didi, é licenciado em pedagogia pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Como folclorista participou do Grupo do Boi-de-Mamão Valente, do bairro Joaia, município de Tijucas/SC. Atuando como artesão, Didi mantém viva a tradição herdada de seus antepassados negros, de confeccionar bonecos para grupos de boi-de-mamão do litoral catarinense.

¹⁷ A iniciativa só foi possível pois entre 2021 e 2023, além de atuar como professor, estive coordenando pedagogicamente a escola, acumulando minhas funções como docente às de dirigente escolar.

dariam vida aos personagens. Ao final da participação de Didi, a escola já contava com o boneco do boi-de-mamão, com uma maricota e com um cavalinho. Outras fantasias foram elaboradas nos meses seguintes por docentes em conjunto com as crianças da escola, que estavam motivadas a participar da brincadeira e a dar vida ao que nomeamos *O Teatro do boi-de-mamão de Tigipió*.

No ano letivo de 2022, educadores e estudantes investiram tempo e buscaram recursos materiais para que ideias se tornassem realidade. O projeto *Memórias da Colônia* oportunizou a criação de algo único para Tigipió, um exercício que Ricoeur (2006) alega ser a configuração de uma história, que vai além da narrativa textual, interseccionando o mundo do texto com o mundo do leitor. Outro resultado foi o maior interesse dos alunos do Ensino Fundamental, antes não incluídos, que passaram a liderar novas ações, como as ligadas ao boi-de-mamão. Ao longo de cinco anos, a proposta de ensino de História da EEB Profa. Lídia Leal Gomes afastou-se da velha ideia de um passado “morto”, tornando-o significativo para seus estudantes.

No processo de criação, o folguedo mostrou-se uma tradição que oferece continuidade seletiva, incorporando personagens folclóricos a práticas já consolidadas. Ao forjar algo do passado no presente, foi preciso revisitar esse passado. Mantivemos figuras comuns do boi-de-mamão e, além do boi, cavalinho e maricota, estudantes criaram fantasias como bruxinha, moreninha e benzedeadas da Colônia Nova Itália. Uma aluna, com ajuda da mãe, produziu a bernunça; depois surgiram violeiro, urubus e um urso. Em 2023, nasceram a bernuncinha e a maricota negra. Entre as figuras, destacaram-se o lobisomem e o leão baio, personagens míticos das *Memórias da Colônia*, celebrados pela forma como interagiam com as crianças nas apresentações.

O que marca e contagia a brincadeira é a música, cantada entre versos e improvisos, guiada por instrumentos que conduzem a dança dos personagens e as falas do narrador. As músicas são essenciais, pois determinam o enredo e os movimentos dos personagens. Para que houvesse a interação e a conexão com os que assistiam o que ocorria nos palcos, convidamos um músico com experiência em boi-de-mamão, o professor e cantador Márcio José Gonçalves¹⁸. O professor aceitou a responsabilidade de viver o nosso boi, e ao longo do tempo confirmou os estudos de Reonaldo Manoel Gonçalves (2000), sendo para as crianças envolvidas com a festa, muito mais do que alguém que empunha um violão. Márcio se tornou,

¹⁸ O professor e músico Marcio José Gonçalves é graduado em Música pela Universidade Regional de Blumenau (Furb) e atua com musicalização na Fundação Municipal de Cultura e Juventude de São João Batista. Marcio atuou como cantador, entre 2009 e 2010, no projeto *O auto do boi-de-mamão* da Cia Teatral Encena, vinculado ao pelo Departamento de Cultura da cidade.

desde a primeira encenação, respeitado pelo público e no ambiente escolar, pois “seu canto se fazia presente e o ouvido atento a ele definia muito [...]” das apresentações. As músicas tradicionais que animavam os espetáculos eram *Vamos Moreninha*, a *Cantiga do Boi* e a *Dança da Maricota*. Fiquei com a tarefa de contar as histórias no folguedo, algo que requereu a confiança do grupo. Segundo Gonçalves (2000, p. 43), uma “Tarefa difícil se não for bem fundada, ou bem contada, ou ainda e mais precisamente, vivida.”. Nesse tempo, tive que falar com o público, com o grupo, buscar o diálogo enquanto acontecia a brincadeira. Descobri a essência e o significado da função de contador dentro da apresentação do boi-de-mamão.

O *Teatro do boi-de-mamão de Tigipió* confirmou as afirmações de La Banca (2020, p.119) de que os grupos de boi-de-mamão passam por transformações ao longo da história, o que revela o caráter renovador demonstrado pela tradição do folguedo. “Há elementos que são tradicionais e que resguardam sua identidade e há elementos que vão se reinventando de acordo com os sujeitos envolvidos na brincadeira.”. Além dos elementos, houve pessoas que se tornaram especialistas em boi-de-mamão e, no palco ou nos bastidores, foram cúmplices de uma brincadeira que revelou à comunidade algo vivido pelos antepassados e ensinou o verdadeiro sentido de grupo. Na escola, as memórias deram continuidade e renovaram essa cultura popular, recriada por ações que ganharam vida e envolveram sujeitos que produziram a tradição a partir de suas próprias experiências culturais e sociais.

Figura 3 – Fotografia tirada no Centro Cultural de São João Batista, logo ao final de uma série de quatro apresentações para crianças da rede municipal de ensino em agosto de 2023.



Fonte: Malcon Gustavo Tonini. Arquivo pessoal (2023)

Considerações finais

As histórias construídas na escola por meio da história oral são dinâmicas e mobilizaram a investigação sobre como a comunidade de Tigipió se relaciona com o passado. Com a colaboração dos estudantes, ativou-se esse passado à luz do presente, recuperando acontecimentos, sentimentos e valores. O projeto *Memórias da Colônia* mostrou grande potencial para a escrita e o ensino de História, ao aprofundar o aprendizado sobre eventos e seus impactos na vida comunitária. Na EEB Profa. Lúcia Leal Gomes, depoimentos de pessoas comuns transformaram-se em conhecimento, abrindo horizontes plurais e alinhados à diversidade. Os participantes foram autores e sujeitos de histórias, e o modo como significaram cada narrativa sustentou uma reflexão sobre o ensino de História como campo de ação e intervenção no desenvolvimento do pensamento histórico.

Em trajetória de cinco anos de pesquisa histórica, a entrevistadora Júlia, a ilustradora Luiza, os participantes de *O Teatro do boi-de-mamão de Tigipió* e tantos outros estudantes significaram processos históricos e entenderam como são construídas as narrativas que formaram os produtos resultantes de *Memórias da Colônia*. Concordando com Alberti (2004, p. 15-17), a história oral produzida em Tigipió criou oportunidades para que pessoas de várias idades pudessem ter a possibilidade de assistir “filmes” do passado. Apesar de ser um filme com “cortes, edições e mudanças de cenário”, reviver o folguedo do boi-de-mamão, mesmo em pedaços, “tendo a impressão que foram abolidas descontinuidades no tempo”, fez muitas pessoas sentirem que o passado ainda está presente. As possibilidades surgiram em detalhes das entrevistas, que abriram novas perspectivas para o professor. Em Tigipió, as fontes orais, mesmo as inicialmente descartadas, aproximaram os estudantes do vivido e criaram novas narrativas, como as ligadas às variações da cultura do boi-de-mamão. Esses indícios permitiram não apenas reviver a tradição, mas também aproximar os alunos das culturas afro-brasileiras. A notícia descoberta por meio dos relatos do padre Cruz, seu estudo e suas conexões com outros fatos levaram os estudantes a reconhecer o valor das manifestações culturais de origem africana. Histórias como a do boi-de-mamão, ao evidenciar a diversidade da população, abrem espaço para reflexões, como ocorreu no projeto de Tigipió, que apresentou à comunidade uma visão crítica dos conteúdos escolares relacionados às experiências negras ao longo da História.

Referências:

ALBERTI, Verena. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 13-31.

BOITEUX, Lucas Alexandre. *In*: BOITEUX, Nylson Reis. 2º ed. **Primeira página da colonização italiana em Santa Catarina**. Caxias do Sul: EDUCS, 1998.

FELER, Flávio. **A Capela da Imaculada: 130 anos de fundação da Capela da Imaculada Conceição, Moura-Canelinha**. Florianópolis: Sagrada Família, 2018.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **A farra do boi: palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

GONÇALVES, Reonaldo Manoel. **Cantadores do boi-de-mamão: velhos cantadores e educação popular na Ilha de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, 2000.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LA BANCA, Juliane Mendes Rosa. Brincadeira, Música e Folclore: O boi-de-mamão do Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista Sobre tudo**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, n2, v11, pp.109-130, 2020.

PIAZZA, Walter F. **Nova Trento**. Florianópolis: Editora Ex-libris, 1950.

RAIZER, Dione. **Boi-de-mamão: uma brincadeira de rua no chão da educação infantil**. Diálogos com a cultura popular. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, 2008.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, v.15, nº45, p. 434-590, 2010.

RICOEUR, Paul. La vida: un relato en busca de narrador. **Ágora: Papeles de Filosofía**, v. 25, n. 2, p.9-22, 2006.

ROMÃO, Jeruse Maria. **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira: africanidades catarinenses, livro 5**. João Pessoa: Editora Grafset, 2009.

SOARES, Doralécio. **Folclore Brasileiro**. Santa Catarina: FUNARTE, 1979.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. 3º ed. São Paulo: Ática, 2012.

TONINI, Malcon Gustavo. **Memórias da Colônia Nova Itália/SC: Diálogos entre história oral, memória e ensino de História**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado Profissional em Ensino de História. Florianópolis, 2021.